Sandra Nancy Mansilla¹

Apresentação

Para sobrevivir en la frontera
debes vivir sin fronteras,
ser un cruce de caminos.
-Gloria Anzaldúa-

Há mais de 50 anos, as experiências de leitura popular da Bíblia na América Latina têm constituído espaços hermenêuticos, não apenas de leitura bíblica, mas principalmente de interpretação crítica da realidade. Essas experiências acontecem em comunidades de base, fomentando práticas pastorais, fortalecendo a reflexão dos fiéis e acolhendo celebrações cotidianas de fé e de vida.

No entanto, quando planejamos esta RIBLA, tínhamos a certeza de que havia também um vasto número de expressões, vozes e experiências que se encontra à margem dessa tradição de leitura e que ainda precisávamos explorar e reconhecer. Sua particularidade é serem comunidades alternativas, situadas na otredade e na alteridade, que pela sua condição como tais, foram invisibilizadas, postergadas e esquecidas.

A partir das margens, essas leituras situadas de um ponto de vista diferente e do outro lado,² também têm resgatado alguns textos bíblicos. Na história bíblica, em seus contextos narrativos, com suas estruturas e instituições, também são visíveis as controvérsias em torno do poder e da autoridade, do status e da representação.

¹ Teóloga biblista de UCA, Argentina. Educadora Popular. Miembro de la Comunidad Teológica Rajab.

² Villalobos Mendoza, Manuel. (2020). *Masculinidad y otredad en crisis en las Epístolas Pastorales*. Herder, Barcelona. La expresión hermenéutica, por otro lado, nació en Chicago, para releer la Biblia en favor de las personas que habían sido silenciadas por ser “diferentes”.

Este fecundo exercício hermenêutico situado a partir das “otredades” culturais, econômicas, epistemológicas, desafia-nos nas imagens e nas linguagens a falar da divindade, das relações humanas, da vida em comunidade, da justiça e da dignidade da vida no mundo, valorizando cosmovisões e outras espiritualidades que resistiram à investida da dominação colonial-patriarcal-capitalista, ainda em vigor.

Essas comunidades são alternativas porque persistem na esperança obstinada de que outro mundo seja possível e porque não querem ser o centro que as expulsa. Por isso, não saem para procurá-lo, mas constroem-no na altura e no estilo das suas próprias forças. De seu lugar liminar, fazem da fronteira um lugar habitável, um espaço-entre, um *Nepantla*³. Assim, representam uma oportunidade para quem foi deixado à beira do caminho, à margem do seu tempo. Nesse sentido, são também alternativas ao abandono, ao esquecimento e à morte, que nas suas ações denunciam.

Por que liminar? A palavra liminal vem do latim *limes*, que significa o caminho entre dois campos. Na época do Império Romano, naquele espaço existia uma faixa neutra denominada *limes*, que era dividida em seções denominadas marcas. Por elas se passava de um território a outro, era o lugar do mercado e das batalhas. Quem se encontrava lá estava entre dois mundos, à margem, em uma zona de passagem. Seus habitantes eram chamados de *limitnei* ou limítrofes, porque essa era sua forma de ser no mundo. O liminar, então, encontra-se na fronteira, é o terreno da transformação, em um espaço flutuante, aberto a todos os tipos de possibilidades.⁴

Os habitantes das fronteiras eram quase sempre protetores, mas, às vezes, também eram vistos como ameaçadores e desafiadores pelo olhar do outro. O *limes* participava do racional e do irracional, do civilizado e do bárbaro. Tanto o interior como o exterior era sagrado para os *limitanei*. Mas também a zona intermediária era sagrada para aqueles que viviam nos outros dois territórios. Os que habitavam a fronteira ajudavam outros a atravessá-la, pois eram conhecedores das trilhas no campo, no deserto ou no rio. Eram tradutores, baqueanos, conhecedores de estradas e atalhos,

³ Nepantla es un concepto utilizado en antropología para referirse al comentario social, la crítica, la literatura y el arte chicano y latino. Representa un concepto de “estar en medio de” (in-between-ness). Puede describir un espacio “liminal”, donde se visualizan, al mismo tiempo, múltiples formas de realidad. Nepantla también puede describir a individuos o grupos que están en conflicto con una cultura o ideología más grande, más global. Cf. Mignolo, W. (2000). “Introducción: de las genealogías cruzadas y los conocimientos subalternos a Nepantla”.

⁴ García Paredes, José. (1997). *Liminalidad*, en Vidal, M. (dir.). *10 palabras claves sobre vida consagrada*. Verbo Divino, España, pp. 307ss.

porque no caminho tudo pode acontecer. Porque a estrada, o não-lugar, é também um-outro lugar.⁵

Estas imagens permitem compreender o dinamismo de produzir ao habitar um espaço-entre, que permite entrar, sair e se mover, sem estar preso a um ou outro espaço, antes, contribuindo de um lugar para outro. Trata-se de uma teologia do conhecimento plural, porque em Abya Yala várias epistemes nos recorrem, fruto de deslocamentos permanentes do campo para a cidade, do bairro para o centro, da escola para a igreja, da casa para o trabalho, de fronteira em fronteira. Seu lugar é a estrada, a rua em protesto, a rota cortada, o espaço dos sem-teto, dos migrantes e dos desalojados.

Essas outras práticas de leitura bíblica evidenciam a complexidade e o dinamismo do mundo que habitamos, com seus múltiplos universos teológicos comunicacionais, interpelando dinamicamente qualquer imaginário que se outorgue dono de uma suposta verdade única e hegemônica. Este trabalho coletivo é, portanto, um esforço que nos convida a nos olharmos não do centro para a periferia, mas a partir da circularidade das margens, porque ela nos abraça, delimita e nos depila criticamente, desarmando a lógica dos padrões institucionais, editoriais e acadêmicos que às vezes desvelam tanto.

Talvez, assim, como dizem Varela e Maturana⁶, estabelecer “co-ordenações de conversas” mais amplas, como a dinâmica entrelaçada dos sistemas vivos, onde a cooperação está acima da competência, e o multiverso supera o uniforme. Este número de RIBLA está, portanto, organizado como uma rodada de contrapontos, com pares e triplos que alternam o estudo da Bíblia e as experiências comunitárias.

Nosso querido Pablo Richard queria estar especialmente presente neste plano. Assim que recebeu o chamado, apresentou, como a viúva no templo (Mc 12,41-44), a sua oferta pessoal -que confiou à REBILAC- para soprar as brasas. Isso rapidamente motivou Fernando Torres, da Colômbia, e Rafael Silva, do Brasil, a atizar ainda mais o fogo.

Pedro Robledo também atendeu a este chamado, de San Cristóbal de Las Casas (Chiapas-México), proporcionando um amplo estudo sobre os Atos dos Apóstolos 1-15, o que, sem dúvida, enriquece o colorido e o tom plural.

⁵ Mansilla, Sandra (2018). *Comunidad Teológica Rajab: 25 años de Teología Popular en Argentina* <https://ctrjab.wordpress.com/2019/05/25/comunidad-teologica-rajab-25-anos-de-teologia-popular-en-argentina/> última consulta: 10/4/20219.

⁶ Maturana, H. y Varela, F. *El árbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano*. Lumen: Santiago de Chile, 1984.

Ampliando o olhar bíblico ao período tribal e aos primórdios da monarquia, Margot Bremer, do Paraguai, oferece-nos a chave da assembleia para ler a Bíblia e a vida, feita a partir da experiência do povo guarani.

Por sua vez, Sandro Gallazzi, do Brasil, conduz-nos no aprofundamento da narrativa dos Juízes, a partir do ponto de vista do conflito contra o patriarcalismo e a idolatria.

Olga Lucía Álvarez Benjumea e o grupo de mulheres “Semeadoras de Fé”, do Bairro Las Malvinas (Barranquilla), trazem-nos uma experiência de sororidade em torno da leitura feminista do profetismo de Débora e Jael, no livro de Juízes.

De Buenos Aires, Gerardo García Helder propõe que leiamos a narrativa de Marta e Maria como uma proposta lucana que recria relações a partir da sororidade e da fraternidade, como parte do compromisso por uma comunidade alternativa e inclusiva.

Como texto vivo, a irmã aimará Sofía Chipana Quispe levanta a voz da ancestral memória andina, compartilhando seu caminho de leitura intercultural da Bíblia na Bolívia.

A partir da perespectiva da memória social, Roberto Caicedo, da Colômbia, convida-nos a reconstruir a memória cristã da tradição joanina, que recupera a passagem da mulher acusada de adultério. Para tanto, Roberto Caicedo aplica um método rigoroso de reconstrução histórica e crítica textual, bem como uma análise da violência simbólica de seu conteúdo.

Este número de RIBLA, que começou sua trajetória nas ruas de San José, na Costa Rica, termina sua viagem nas ruas de São Paulo, Brasil, com a comunidade de Povo da rua, na Baixada do Glicério. Cecilia Toseli e Regina María Manoel são as portadoras de uma narrativa que resgata os principais marcos de 40 anos de história de uma população que continua a gritar: Somos um povo que quer viver!

Para encerrar esta introdução, nosso sincero agradecimento a todos e todas que contribuíram com dedicação para esta edição da RIBLA. Obrigado também às comunidades populares, que desde os territórios da nossa sentida Abya Yala, interpelam-nos todos os dias com luta e resistência a construirmos juntos e juntas uma teologia que alimente uma espiritualidade sábia e profética, uma espiritualidade para o cuidado da vida, em todas as suas expressões.

Tradução: José Ademar Kaefer.